

'Segurar a inflação é nossa prioridade'

SÍLVIA FARIA e ADRIANA CHIARINI

BRASÍLIA — O presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, um burocrata experiente, pela segunda vez na função mais tensa da área econômica, não se altera diante das estatísticas críticas das contas externas e considera a situação transitória. Ele avisa aos saudosistas da indexa-

ção que o câmbio não será valorizado para promover o equilíbrio do balanço de pagamentos. A prioridade, garantiu, é o combate à inflação.

— A volta da inflação é que atingirá a maioria da população — diz.

Para o sistema financeiro, o Banco Central prepara uma nova legislação que dê

maior liberdade para a captação de recursos e utilização do dinheiro, mas com maior responsabilidade sobre as operações bancárias. Cada banco será responsável por seus depositantes, como nos demais países. Os bancos vão ter que responder pelas contas fantasmas e outras operações fraudulentas.

O atual desequilíbrio das contas exter-

nas, provocado por déficits comerciais sucessivos, é transitório, garante Loyola. Para ele, o importante é a perspectiva daqui para frente. Para um país que atravessou crise cambial recente, provocada pelo México, até que os dados não são tão alarmantes. O importante é revertê-los. E isso já está acontecendo com a volta do capital estrangeiro ao Brasil, diz Loyola.

O GLOBO — Há notícias de que dos dez maiores bancos do país apenas quatro não recorreram ao redesconto nos últimos seis meses, e que o sistema bancário está tendo dificuldades para se adaptar à inflação baixa.

GUSTAVO LOYOLA — Há um evidente exagero. A mudança de um regime cronicamente inflacionário para a estabilidade atinge o sistema bancário, mas no caso brasileiro a mudança encontrou um sistema extremamente forte e com um grau de capitalização adequado.

O GLOBO — O mercado financeiro já está trabalhando com a perspectiva de alta dos juros porque está se projetando com a alta da inflação em setembro. Quem está apostando nisso vai se dar mal?

LOYOLA — Acho que sim. Os juros hoje seguem muito mais razões de política monetária do que propriamente a inflação.

O GLOBO — Com a obrigatoriedade dos fundos de investi-

mento aplicarem em títulos públicos, o que acontecerá?

LOYOLA — Eu acho que vai haver um processo gradual de alongamento de prazo no sistema financeiro, que vai beneficiar tanto o tomador privado de crédito quanto o setor público. Agora a questão mais de longo prazo da necessidade de financiamento do setor público somente poderá ocorrer a partir de uma reforma fiscal que permita o resgate de parte dessa dívida.

O GLOBO — O que pode mudar com a regulamentação do artigo 192 da Constituição, que trata do sistema financeiro?

LOYOLA — Uma nova lei vai dar ao Banco Central melhores condições de exercer a supervisão bancária. A lei atual é rígida demais em coisas que não deveria ser e deixa brechas em outras áreas. As leis modernas do mundo todo dizem que os bancos são responsáveis por seus depositantes. É responsabilidade dos bancos, por exemplo, evitar lavagem de dinheiro, contas fan-

tasmas, "laranjas" etc. E a lei 4.595 não previa isto.

O GLOBO — Tivemos déficit comercial pela sexta vez consecutiva e para chegar ao equilíbrio em 1995 precisaríamos ter superávit de US\$ 700 milhões por mês no resto do ano.

LOYOLA — Com o balanço de pagamentos você tem que ter uma perspectiva para frente. Porque não adianta querer mudar o passado. A meta do Governo não é o resultado em 1995, é qual vai ser a trajetória das contas externas daqui para frente.

O GLOBO — E qual vai ser?

LOYOLA — Vai haver uma reversão nos déficits mensais da balança comercial, de forma que projetando, para os próximos 12 meses, nós teremos certamente superávit. Agora todo o déficit do primeiro semestre já foi financiado e voltamos ao nível de reservas de dezembro.

O GLOBO — Elas já estão em US\$ 35 bilhões?



Gustavo Miranda/2-6-92

Loyola: melhor ter déficit na balança de pagamentos do que inflação

LOYOLA — Está mais ou menos parecido com dezembro. Não vou dizer o número.

O GLOBO — Mudou aquele entendimento do final de 94 de que era desejável diminuir o superávit comercial por causa do impacto monetário e tem um pequeno déficit pra financiar?

LOYOLA — Tem um tabu aí de que déficit é necessariamente ruim e superávit é necessariamente bom. Não é assim. Se você tem um déficit determinado por circunstâncias conjunturais, muitas vezes é preferível financiar este déficit a fazer um ajuste em alguma parte da economia que vai dar muito mais trabalho em outros setores. Por exemplo, têm aqueles saudosistas que dizem, simplesmente: "desvaloriza o câmbio e resolve isso".

O GLOBO — O senhor está dizendo que a prioridade é o controle da inflação? Logo depois da crise mexicana, diretores do BC disseram que a prioridade era o equilíbrio das contas externas...

LOYOLA — A prioridade é a inflação, mas as contas externas têm que ter equilíbrio.

O GLOBO — As projeções de déficit na conta de serviços estão variando entre US\$ 15 bilhões e 20 bilhões.

LOYOLA — Isso é assim mesmo. Nós somos um país importador de capital. Vamos ter um déficit em transações correntes entre 2% e 2,5% do PIB.

O GLOBO — E o perfil de financiamento? Há aquela análise de que é de capital especulativo que pode sair rápido do país...

LOYOLA — Não é assim. É verdade que os capitais hoje no mundo inteiro estão mais voláteis, mas isso não significa que você possa carimbar determinado capital como mais volátil ou menos volátil. Um capital de curto prazo pode ficar por longo prazo e de longo prazo pode ficar curto prazo.

O GLOBO — O que se pode fazer para resguardar o país do capital especulativo?

“ No próximo ano teremos superávit ”

“ Há um tabu de que déficit é ruim e superávit é bom ”

LOYOLA — Hoje você tira dinheiro o Japão e coloca em Frankfurt, por exemplo, em um segundo. Acho que isso pode ser resolvido por um sistema de cooperação entre os bancos centrais, mas tem que ser uma coisa muito estudada.

GLOBO — Para 96 se espera uma entrada maciça de investimentos estrangeiros?

LOYOLA — Vai haver aumento de investimentos estrangeiros, não posso dizer se vai ser maciço. Mas estamos vendo muito interesse por parte dos estrangeiros.

O GLOBO — A secretária da Fazenda do Rio, Maria Sílvia Bastos Marques, critica a troca de títulos da Prefeitura de São Paulo com o Banco Central. Diz que o BC está privilegiando as administrações que gastam mais.

LOYOLA — A troca foi limitada a papéis em poder do Banespa. E a idéia sempre foi resolver problemas bancários, dos bancos estaduais. Não demonstra nenhum favorecimento.